

# CRASE

#3

Outubro - 2010

## Tropa de Elite

A inversão moral do personagem  
Capitão Nascimento

A Imprensa que nos imprensa

O perigo da criação de um 4º  
Poder absoluto

Espelho, espelho meu...

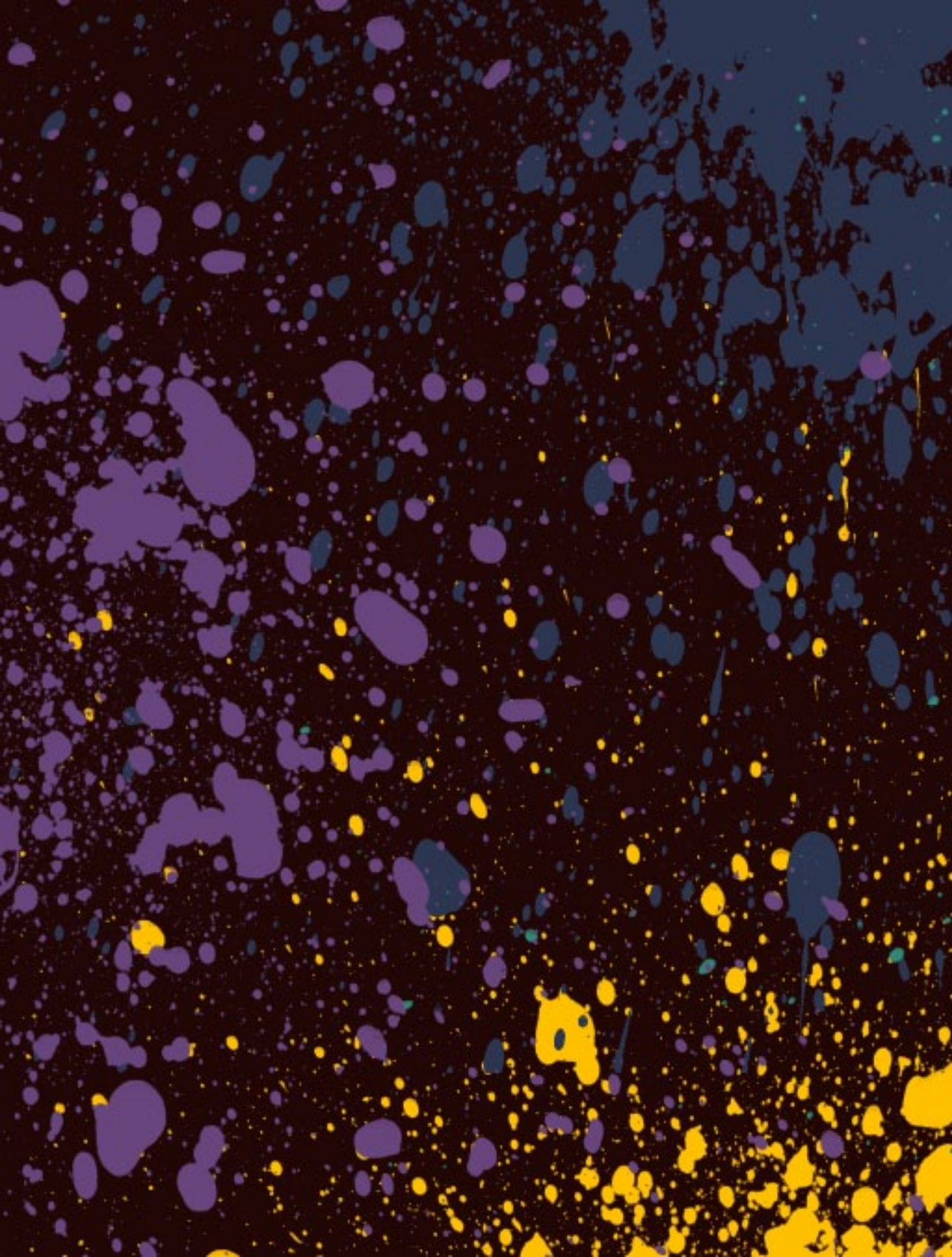
O declínio da criatividade  
musical

Do outro lado do arco-íris

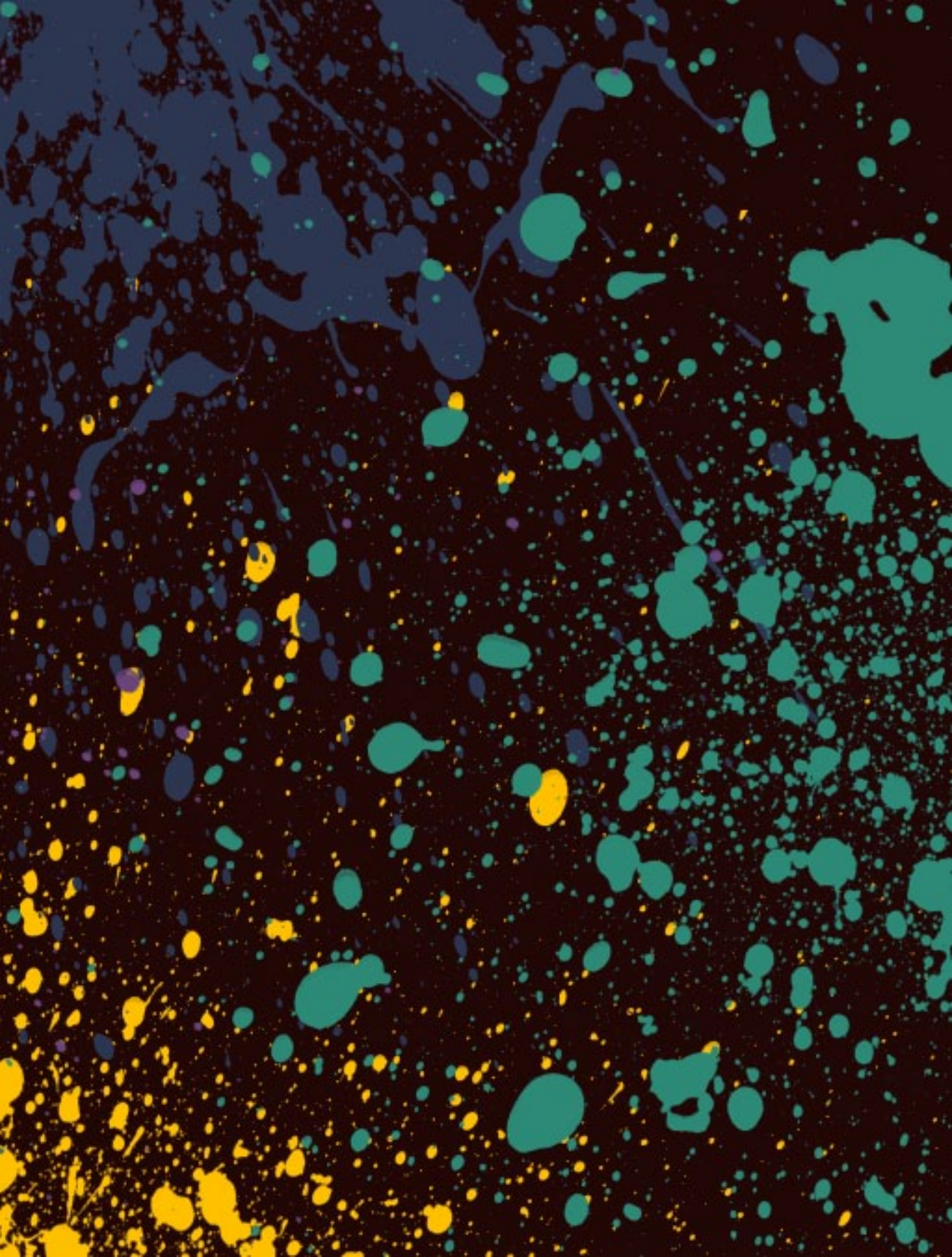
De volta à moda do anos 80











# índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 O escritor por trás do autor  
*O universo do Ghostwriter*

p. 16 **Simbiose Cultural**  
*Os altos e baixos do intercâmbio de culturas*

p. 22 **Tropa de Elite**  
*A inversão moral do personagem  
Capitão Nascimento*

p. 34 **Do outro lado do arco-íris**  
*A moda foca na diversidade de tribos  
com o arrojo oitentista*

p. 38 A IMPRENSA QUE NOS  
**IMPRENSA**  
*A responsabilidade por trás  
da liberdade.*

p. 44 Espelho, Espelho Meu...  
*Onde fica o limite entre a  
inspiração e a cópia?*

p. 50 **CRASE** Eliane Farah  
CONVIDA

*A psicóloga e educadora fala sobre as frá-  
geis e limitadas imitações do ser humano*

p. 56 **AGENDA CULTURAL**



# REVISTA CRASE

## DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza e Rafael Farah

Diretor de Criação: Dans Souza

Diretor de Redação: Rafael Farah

## REVISTA CRASE

Redatores: Cadu Senra, Gui Liaga, Emílio Farah,  
Nicolas Dani, Clarissa Affonseca

Colunistas: Cadu Senra, Rafael Farah

Revisor: Gui Liaga

Publicitários: Ramon Lourenço, Guilherme Amaral

## ARTE

Diretor de Arte: Dans Souza

Diagramador: Dans Souza, Fernanda Araújo

## FOTOGRAFIA

Editor-Assistente: Diego Val

## INTERNET

Desenvolvedor: Dans Souza, Makerz





# Editorial

No Brasil, como no mundo inteiro, a imitação é algo natural. Seja na política, na música e seus covers ou em telas de cinema, a linha entre a criação e a réplica hoje em dia é bastante delicada. Tornou-se difícil distinguir a cópia do original e vice-versa. Estaria o velho guerreiro Chacrinha certo? Baseando-se no histórico da raça humana, pode se dizer que sim. Todas as criações atuais são resultados da transformação de algo já existente, ou seja, são cópias. O homem apenas copia, não cria, mas o faz deixando a sua marca, sua singularidade.

Essa imitação não se dá apenas por tendências. O velho ditado “a vida imita a arte” descreve com perfeição outro exemplo dessa confusão de realidades. Mas como saber realmente quem imita quem? Somos todos produtos de uma sociedade onde a mídia, junto com as artes (cinema, música, etc), dita as regras. Somos criados por essa sociedade e depois representados nesses mesmos meios, como em Tropa de Elite 2, sequência do blockbuster brasi-



leiro de José Padilha. Neste mês, a CRASE reservou seu maior espaço para a apresentação e representação da película, onde Nicolas Dani abre tópicos pouco discutidos anteriormente, como a criação do herói brasileiro e alienação tóxica.

Ainda neste mês, apresentamos a querida Clarissa Affonseca, nossa mais nova redatora. Clarissa nos dará mensalmente seu parecer inteligente e “cra-seano” sobre moda, além de complementar a presença feminina em nossa redação, que vem crescendo cada vez mais.

A CRASE vem recebendo feedbacks maravilhosos. A participação dos leitores é essencial para a continuação do trabalho de qualidade que vem sendo feito, então urgimos aos novos leitores que façam o mesmo. Suas opiniões, críticas ou sugestões são valiosas demais para ficarem presas, sem respostas. Não faça como a maioria, exponha sua opinião.

Rafael Farah



por Gui Liaga

**Q**uantos leitores já pararam para pensar que as linhas que estão prestes a ler não foram escritas por seu autor? Essa indagação parece absurda para muitos e causa surpresa. Contudo, o serviço de ghostwriter, escritor-fantasma, existe há séculos e está presente em diver-

sos meios de comunicação. O seu trabalho consiste, basicamente, em dar forma a uma idéia de outrem. Pode ser de jeito sutil, como um trabalho de faculdade, ou algo mais cauteloso, como um artigo em revista.

O ghostwriter é quem fica por trás de

grandes feitos na escrita. E, sim, isso é legal. O Canadá, por exemplo, é um dos países que legalizou de fato a profissão. No Brasil, é raro citar esse tipo de emprego, mas qual a empresa de assessoria de comunicação que não utiliza esse recurso? Quantos clientes não encomendam livros, biografias, artigos e projetos a terceiros e publicam com o seu nome? Pode soar falso e causar discórdia, porém faz parte de um contexto do mundo globalizado, onde o marketing é tudo.

A modernidade não possui espaço para a calma. Com o boom tecnológico, a informatização e o enraizamento do capita-

lismo, a sociedade anseia por mais – e o que precisa de tempo para surgir, desaparece. Poucas décadas atrás, um autor levava dois ou mais anos para escrever a sua obra. Hoje, para se consagrar nos holofotes e entrar na lista de best-sellers, é melhor produzir um livro atrás do outro – ou lançar mão das famosas séries, algumas até com 12 livros. Por isso, muitas editoras oferecem esse serviço ao autor, montando uma equipe para escrever com ele e por ele.

A forma mais comum é em discursos (speechwriters), principalmente políticos. Como um trabalho de assessoria e relações públicas



– como a equipe de campanha de um candidato. Todo o discurso em que o público concorda e acredita, não são palavras de seus escolhidos. A problemática não está no fato de esse tipo de profissão existir, e, sim, que a população é despreparada para isso. Tal fato que a incredibilidade é alta por parte dos leitores nessa situação.

O lado positivo é que essa ferramenta possibilita a publicação de novas obras, incentivando aqueles que possuem uma boa história, mas não sabem como escrevê-la. Desse plano podem surgir ótimos livros – independente do gênero literário. Entre os

“O ghostwriter é quem fica por trás de grandes feitos na escrita.”

acordos de ghostwriter, o autor pode optar por ocultar ou não o nome do escritor. Cecily Von Ziege-sar é uma autora conhecida dos adolescentes por ter séries como Gossip Girl e It Girl, mas na folha de rosto de seus livros o leitor pode encontrar a seguinte frase: Criado por Cecily, escrito por... Já as obras do ex-presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy foram acusadas de terem sido escritas por seu asses-

sor Theodore Sorenson, mas ambos negaram as afirmações – ainda mais depois de a coletânea ter ganhado o Prêmio Pulitzer.

Todo esse universo de ‘fantasmas’ que permanecem escondidos da população, só mostra como pouco sabem os leitores. Como é importante se informar e não se deixar enganar. O profissional de Comunicação aprende que é preciso questionar sempre, indagar sobre o que está

lendo – não importando quão antiga e confiável seja o meio de publicação. O ser humano possui interesses e, por mais imparcial que ele precise ser, sempre irá jogar para defender o seu lado. Não julgue o serviço de um ghostwriter, apenas procure saber mais do que se trata e controverta até o seu autor preferido – só assim para concretizar suas verdadeiras opiniões no mundo literário e pensante.



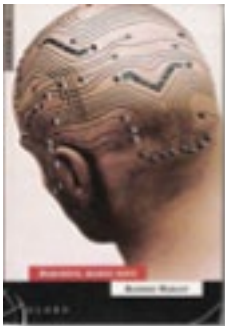


**Livro:** Budapeste

**Autor:** Chico Buarque

**Editora:** Companhia das Letras

Este aclamado livro de Chico traz a dualidade como tema principal. Narrado em primeira pessoa, José Costa é um ghostwriter de enorme talento com as palavras, que se vê diante da exaustão. Vivendo quase uma vida dupla, o autor lança mão da combinação de humor com tensão para compor um excelente protagonista em uma narrativa inteligente.



**Livro:** Admirável Mundo Novo

**Autor:** Aldous Huxley

**Editora:** Globo

Escrito em 1932, este livro causa fortes impressões nos leitores. A obra, conhecida como uma antevisão de um futuro dominado pela mecanização e ciência, revela uma sociedade desumanizada. Esta ficção científica surpreende pelos pontos comuns de diferentes épocas. Questões como a crescente incapacidade do homem moderno de lidar com o fracasso é um dos aspectos discutidos.







# Simbiose Cultural

Os altos e baixos do intercâmbio de culturas

por Rafael Farah

O escritor britânico Gerald Brenan certa vez escreveu: “todos nós alteramos ou somos alterados por tudo. Estamos sempre absorvendo porções uns dos outros ou agindo contra elas e, através dessas aquisições e repulções involuntárias, modificamos nossa natureza.”

A partir dessa afirmação, é possível uma breve análise de estilos de vida de diferentes culturas. É claro que cada cultura tem seu diferencial, mas se observarmos de perto podemos ver também inúmeras similaridades, quase como se as muitas delas fossem co-dependentes.

Esse é um processo contínuo e quase simbiótico, o qual as mantém separadas por singularidades e unidas pela globalização.

O que é a cultura brasileira? Para responder tal pergunta basta uma simples observação do sistema capitalista americano, que é “copiado” por grande parte dos países do mundo. O brasileiro é bombardeado constantemente por tendências formadas no país do Tio Sam e, muitas vezes abre mão de uma personalidade única e abraçável para imitar o estilo de vida estadunidense, gerando sócias que vão desde a utilização de bor-

dões até o estilo de vida ostentoso e sedentário dos americanos.

É incontestável que os norte-americanos são idealizadores - se essas ideias são roubadas, compradas ou manufaturadas, é outra história - e, em um mundo globalizado, nada é mais natural do que essas ideias serem exportadas para o resto do mundo, algumas vezes criando “sombras”, cópias, quebrando barreiras ou simplesmente

“...A individualidade não se iguala a singularidade.”



alimentando aquele Gremlin tão conhecido e adorado... O ego. É o velho ditado: “A grama é sempre mais verde do outro lado”.

Não é raro ver pseudo-patriotas e intelectuais criticando essas fusões. São os “visionários” simplistas, aqueles que só enxergam



em preto e branco. Não compreendem que nós mesmos somos cópias. Falta o entendimento de que a individualidade não

se iguala a singularidade. Da mesma forma que nos adaptamos, absorvemos idiossincrasias e copiamos tendências americanas, exportamos nossas próprias – como nossa incrível variedade e swing musical. A diferença é que não estamos em evidência. A influência que temos sobre outros países, especialmente os Estados Unidos raramente é veiculada pela mídia e mesmo as que passam pelos filtros da imprensa estão sujeitas a serem severamente maquiadas a ponto de tornarem-se praticamente irreconhecíveis.

Felizmente, essa coligação de culturas não é formada apenas

por desvantagens. Esse bombardeamento aparentemente descontrolado permite que tenhamos acesso a vantagens que do contrário estariam fora do nosso alcance. A troca de tecnologia, como a exportação dos tantos “igualqu coastas” que facilitam a vida do brasileiro, ou mesmo a worldwide web, que apesar de ter sido criada pelo CERN (Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear), teve sua explosão publicitária graças a mentes americanas.

O brasileiro precisa sim manter sua personalidade, zelar pela sua herança e, valorizar sua cultura extremamente rica. Entretanto essa sim-

biose cultural é vital não só para o crescimento e o progresso, mas também para a sobrevivência, em uma sociedade globalizada como a nossa.



S





# Tráfico abate helicóptero no Rio

Dois PMs morrem em explosão de aeronave; confronto deixa 10 bandidos mortos

# INFERNO



## Guerra no Rio

- 1. Tráfegantes abatem helicóptero da Polícia Militar
- 2. Tráfegato deixa 12 mortos e oito ônibus incendiados
- 3. Ataque é ato desesperado do tráfico, diz governo



**Bope confunde furadeira com arma e mata fiscal**  
Homem com furadeira na mão é foi confundido com um bandido e leva tiro da polícia

**Bope confunde furadeira com arma e mata morador**

**Policial confunde furadeira com arma e mata homem no Rio**

...de 47 anos, estava no terraço de casa com a esposa, quando...  
...morto. O policial alegou, em depoimento na delegacia, que não...  
...identificar a furadeira.



**Helicóptero e espalha terror**

...mortos, sendo 2 PMs na queda da aeronave, e 8 ônibus incendiados



Ficção / Realidade  
Manchetes Cariocas

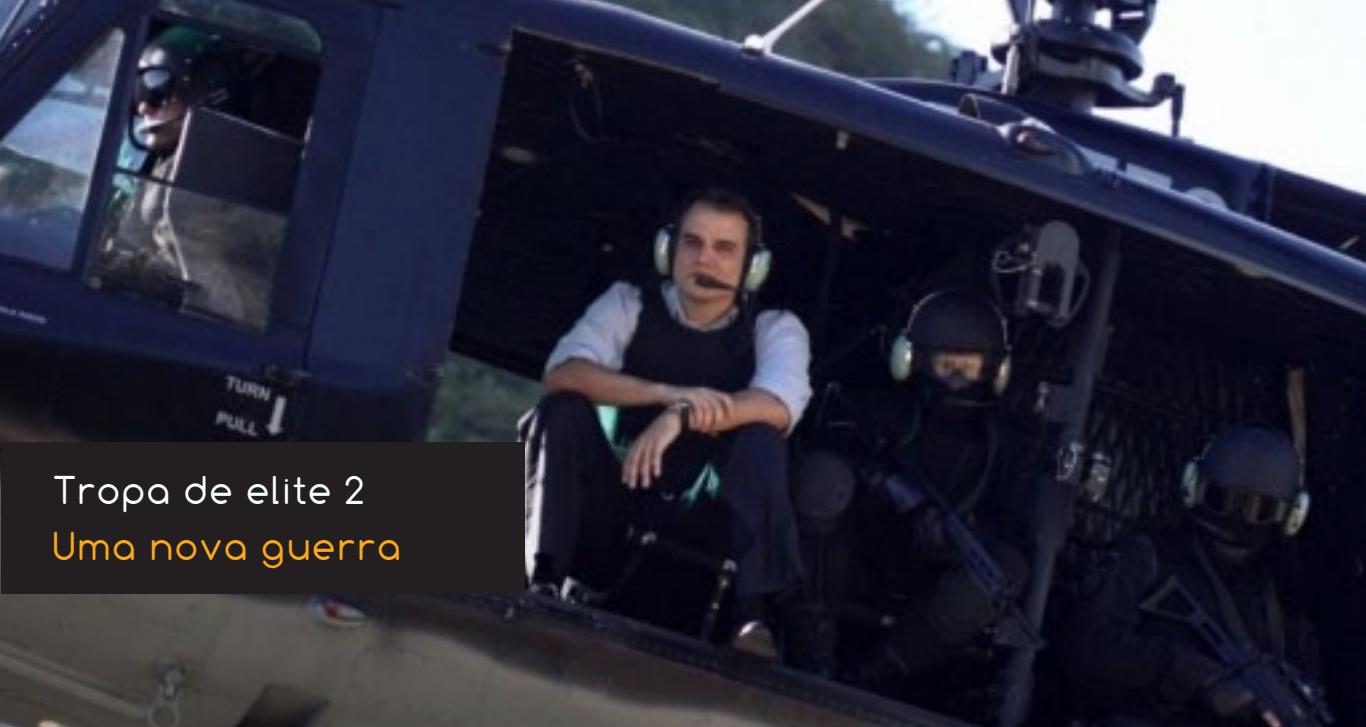


# Tropa de Elite

Três anos após o lançamento oficial, Tropa de Elite está de volta. Sem a pirataria mas com a mesma discussão.

por Nicolas Dani





## Tropa de elite 2 Uma nova guerra

No primeiro filme, a obra descreve fatos ocorridos na segurança pública do Estado do Rio de Janeiro na década de 90, durante a visita do Papa João Paulo II à Capital Carioca. Sua narrativa é intensa em sua descrição da realidade diária da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro – PMERJ, totalmente pautada em situações que, segundo

o autor, baseiam-se em relatos de fatos reais, feitos pelos próprios Policiais Militares. O personagem central da trama é um capitão do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), a tropa de elite da Polícia Militar carioca, e o filme gira em torno desse personagem, que motivado pelo nascimento de seu filho resolve deixar as atividades do Batalhão.

O filme, além de fazer uma crítica à corrupção da polícia carioca, também mostra a hipocrisia da sociedade, representada por estudantes universitários que criticam a violência policial, mas ao mesmo tempo realizam o tráfico de drogas em festas estudantis e na própria universidade. Também retrata – e é aqui o ponto que para o público em geral menos chamou atenção – a hipocrisia policial, que deseja dormir em paz e cuidar da família gerando mais guerra.

O Tropa de Elite 2 é a sequência de mais uma obra de ficção com um mix de fatos reais, que

“Tal foto gera uma inversão moral do filme...”

expõe as entranhas de uma corporação policial e do ministério público onde o desejo de justiça do espectador é saciado com imagens dramatizantes de operações táticas abarrotadas por violência. Tal fato gera uma inversão moral do filme, destacando uma “solução” imediata e, até mesmo como foi bastante discutido no primeiro filme, uma conotação fascista.

Existe uma lenda de que o filme foi lançado

na internet de propósito para que pudesse atingir a massa, o público-alvo, fazendo com que as pessoas que realmente convivem com essa realidade possam ter uma chance maior de discussão (discussão = publicidade = projeção = dinheiro).

O tempo todo assistimos pela televisão, jornais e revistas, escândalos políticos, má distribuição de renda e o dinheiro público indo para o buraco. A classe média que antes seguia a ordem e pagava as contas em dia, hoje está cada vez mais perto da extinção. A busca desses espectadores por justiça e a necessidade de alguém que mude o cenário vigente resulta

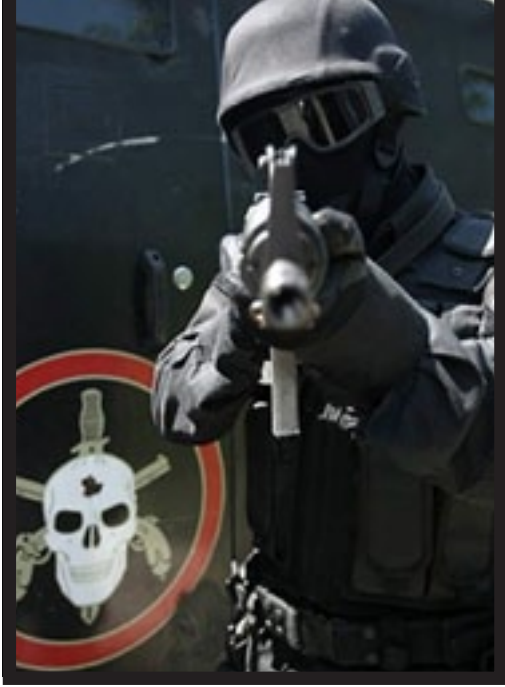
na criação do herói brasileiro. Entra aí o Capitão Nascimento. Alguém que é competente no que faz, mas ao mesmo tempo gera mais guerra do que termina.

O filme é indiscutivelmente um drama policial de qualidade e, sem a presença dessa violência, da corrupção e desse suposto fascismo – que são problemas reais em nossa atual sociedade –, ele não teria o peso narrativo no qual se escora. Ele não glorifica a violência, pelo contrário, ele deixa ela dar um nó no estômago do espectador, e o tal fascismo - uma besteira - sem ele o filme se tornaria mentiroso pois mostraria uma polí-



Gravação do filme  
Ficção na linha da  
realidade





cia boazinha e bonitinha, coisa que não existe, nem no Rio de Janeiro, nem em qualquer outro lugar no mundo onde a violência e a criminalidade são opções de um estilo de vida.

Dizem que a vida imita a arte e, nesse contexto é difícil distinguir uma da outra. O filme retrata com bastante eficácia a realidade brasileira, mas de onde vem

essa realidade? Seríamos personagens únicos, criadores de nossas próprias histórias, ou apenas fantoches imitando irrealdades projetadas para “servir e proteger”? Não fazemos nada para mudar o nosso país, não levantamos da cadeira para nada. Ir para rua? Perda de tempo. A moda agora é ‘tuitar’ os problemas e esperar que alguém com interesse financeiro no assunto utilize os trending topics para dizer que o povo brasileiro, a massa, é contra alguém ou alguma coisa.

A mudança precisa acontecer no início, na educação. Mas quando o assunto é tocado, fugimos ou damos um jeito

de evitar a conversa, “evitar a fadiga”. Não adianta querer resolver problemas supérfluos, não adianta achar que Luciano Huck irá salvar o Brasil com Lar Doce Lar e Lata velha. Quem tem dinheiro, tanto no poder privado quanto no poder público, quer simplesmente ter mais dinheiro. A população em geral tem aquela velha mania de achar que se

um indivíduo dá dinheiro pra alguém é porque ele é bonzinho e, não o fato de simplesmente gerar mais dinheiro com publicidade. Mas então não seria culpa do sistema? A democracia não está errada, sem a liberdade de expressão não existiria a CRASE. A única solução é a mudança do comportamento daqueles que sabem a verdade.



Imagem do jogo  
Call of Duty  
Realidade carioca  
como forma de lazer



“O mundo é um lugar perigoso de se viver, não por causa daqueles que fazem o mal, mas sim por causa daqueles que observam e deixam o mal acontecer.”

- Albert Einstein



30







### Um Crime Nada Perfeito (EUA, 2009)

Charles (Freeman), Roger (Walken) e George (Macy) são seguranças exemplares de um valioso acervo de arte. Quando recebem a notícia de que as suas obras favoritas estão sendo enviadas para outro museu, bolam um plano mirabolante para recuperar os quadros. Tudo corre bem até que um erro coloca estes inexperientes bandidos em uma fuga pra lá de atrapalhada.

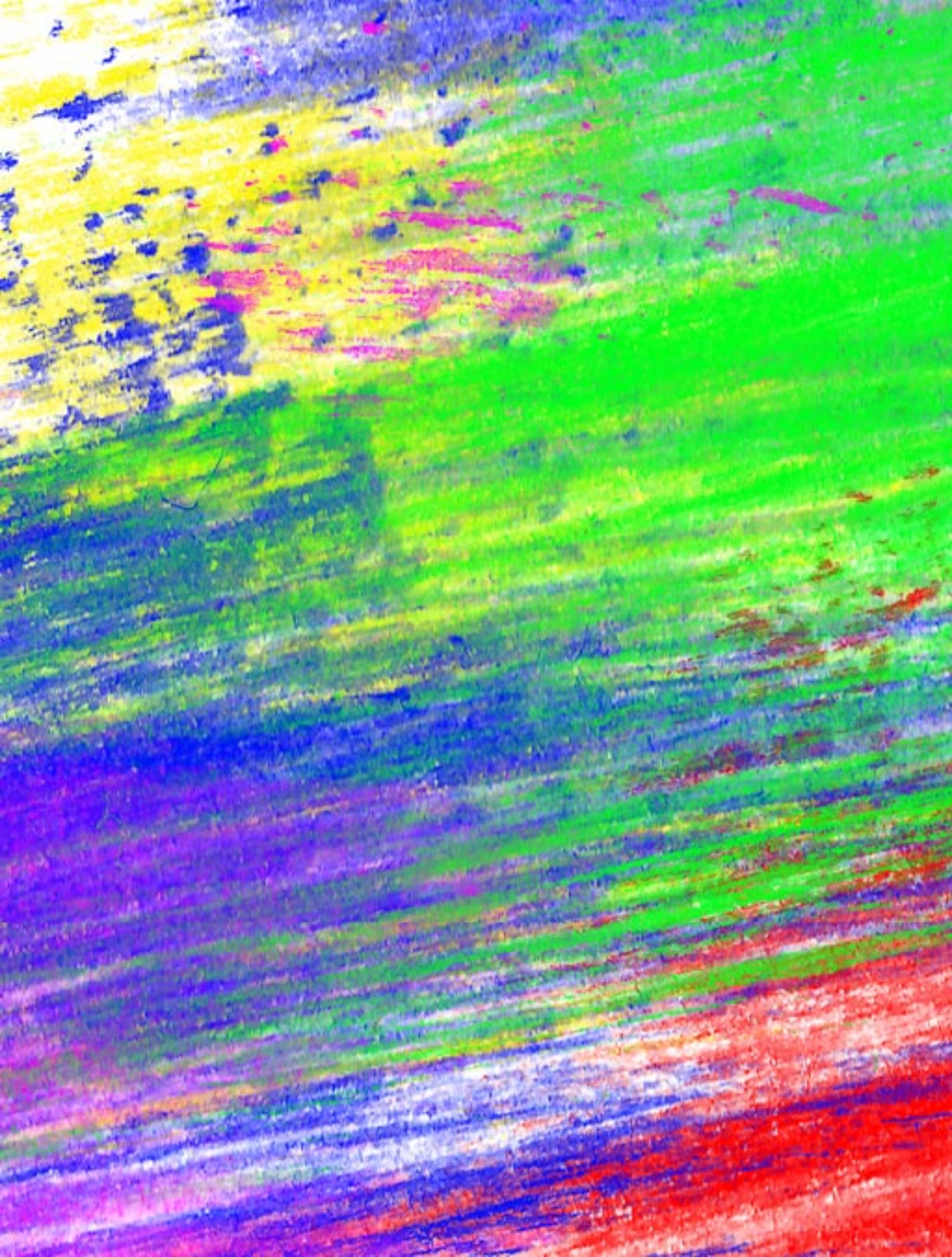


### Depois do Casamento

(Dinamarca e Suécia, 2006)

Jacob Petersen (Mads Mikkelsen) luta para manter um orfanato localizado na Índia. A instituição corre risco de fechar, até que Jacob é chamado de volta à Dinamarca para falar com um empresário chamado Jorgen (Rolf Lassgard) que deseja fazer uma doação. Pressionado, Jacob quer resolver a questão da doação o quanto antes, mas Jorgen prefere deixar tudo para depois.









# Do outro lado do arco-íris

A moda foca na diversidade de tribos com o arrojo oitentista

por Clarissa Affonseca

**E**mbalados pelo movimento New Wave e pelos Yuppies, os anos 80, que entraram para a história da moda com muita diversidade, ousadia, informação e divergência de opiniões estão de volta como referência nas passarelas das semanas de moda das capitais mais badaladas do país.

Os anos 80 foram a época em que a imagem foi consolidada como o principal meio de difusão de ideais na sociedade e esse fato foi essencial para a moda.

De um lado, artistas do cenário musical vigente influenciados pela mistura New Wave do punk e da disco abusaram



de seus modos de vestir para se expressarem dentro e fora dos palcos. Seus cabelos repicados e rebeldes e acessórios evidenciavam a moda punk e o preto predominava nas roupas.

De outro surgiu a geração dos Yuppies, jovens empresários que viam no consumo de luxo

a característica essencial para atingir seus ideais de prosperidade. As mulheres dessa “tribo” destacavam suas posições no mercado de trabalho com roupas masculinizadas, amplas e ombros marcados, dando lugar ao brilho e cores fortes em eventos especiais. Já os homens fizeram dos óculos Ray-Ban e ternos suas marcas.

O culto ao corpo também teve um boom nessa década, fazendo das academias o lugar de encontro dos jovens. Isso se refletiu na moda e fez do moletom e do tênis artigos essenciais. Leggings e collants também participaram dessa tendência de modo expressivo.

“Infindáveis e permutáveis tribos nascem a cada dia nessa sociedade.”

E como no filme *De Volta Para o Futuro*, passados vinte anos do fim da década do exagero, as tendências oitentistas reaparecem nos desfi-

les do SPFW e Fashion Rio deste ano a fim de reafirmar que a moda existe para satisfazer todos os mercados.

Infindáveis e permutáveis tribos nascem a cada dia nessa sociedade dinâmica na qual vivemos e, pensando nisso, estilistas importantes do cenário de moda brasileiro sabiamente imitam o conceito “imagem é tudo” dos anos 80 e trazem de volta para as passarelas um guarda-roupas de possibilidades que pode se encaixar em qualquer um desses grupos.

São ombros marcados, tecidos metálicos, calças, coletes e camisas estilo boyish, cores impac-



tantes, o preto total, acessórios coloridíssimos, leggings brilhosas, o moletom repaginado pela alfaiataria e muitas outras novidades desse universo criativo.

Então, depois de ver tudo isso acontecendo na frente de nossos olhos,

vale à pena parar para refletir e discutir sobre porque o que realmente se busca na moda e em todos os meios de consumo são produtos que se relacionem com os sentimentos, os desejos e as ambições de cada ser humano. Afinal, ainda somos como nossos pais?







# A IMPRENSA QUE NOS IMPRENSA

A responsabilidade por trás da liberdade.

por Emílio Farah

Nesta edição optou-se pelo tema “cover”, ou clone, ou cópia, numa comparação pouco fiel, é como o americano que considera todo oriental o Mao Tsé Tung ou quando toma como Bin Laden todos com origem no oriente médio, e por aí vai.

Mas, por que “cover”? Por que está em nosso dia a dia. Ora, o “cover” tanto pode nos fazer reviver o Raul Seixas ou o Michael Jackson,

como também nos desgosta com os Cesar Maias e os Garotinhos (muitos outros é claro) da política nacional, que são apenas reflexos deturpados da atividade política.

Agora finalmente podemos falar da imprensa “cover”. São diversos os estágios por que deve passar uma reportagem jornalística, mas o que acontece quando se suprime algum estágio, por exemplo, quando se suprime a

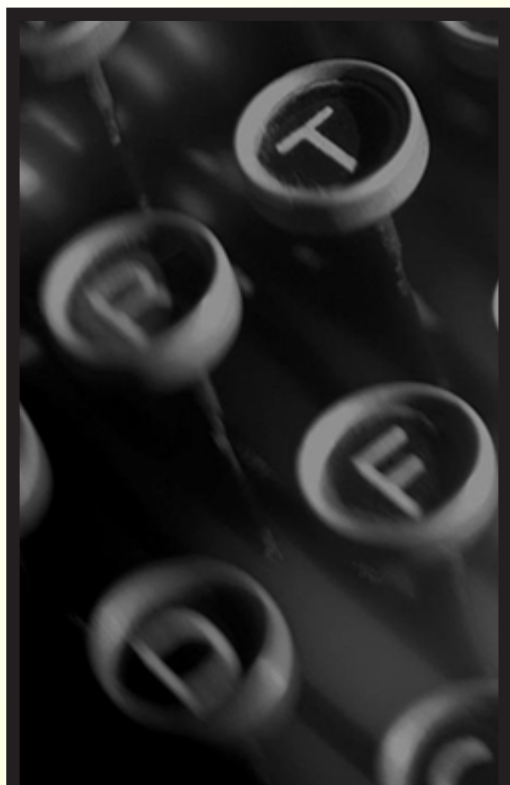


coleta de provas, resta uma reportagem “cover”, de uma imprensa “cover”.

A celeuma surgiu recentemente quando veio a público uma rede ensandecida de questionamentos sobre a postura do Governo Federal nas suas declarações sobre o comportamento da mídia e a necessidade de algum controle social. Ora controle social é o “botão on/

off do controle da TV”, dizem alguns. Entretanto, isso não responde a qual botão apertar quando a mídia é impressa. Como saber o grau de comprometimento daquele veículo com a verdade. Muitas perguntas, poucas respostas.

Nossas centrais de informação arvoram para si o direito constitucional básico de liberdade de expressão como se fosse um direito inato e pessoal, mas se esquecem é da enorme diferença que existe entre a divulgação dos fatos e a divulgação de opiniões, os fatos são comprováveis ou não, já opiniões não, apenas existem, não necessitam de prova. Daí





decorre o que talvez seja a maior ofensa à liberdade de opinião, porque nem todos têm acesso a um veículo de circulação nacional para se defender ou para expor suas opiniões, como tem normalmente estes acusadores, que na maioria das vezes são editores de grandes jornais.

Nossa mídia impressa, televisiva, eletrônica, essa que se nomeia de imprensa, nada mais é que um “cover” do que se construiu sob o conceito original de imprensa. Ora, onde estão suas responsabilidades sociais, quais compromissos seus diretores ou editores acatam como princípios, porque

o que se ve, na maioria das vezes, é exatamente a falta deles.

Cria-se notícia onde não existe, enlameia-se quem descrê desta corruptela de Guttenberg. A quem compete definir o papel da mídia, que, na atualidade, navega indistintamente pela investigação, informação, pela imposição da opinião traçada em seus editoriais, para, ao final, oferecer seu julgamento.



Ora, por certo que, de um modo geral, a mídia dispõe de profissionais sérios que coletam informações preciosas, muito bem fundamentadas, de interesse público, mas que, ao final, poderão ou não ser utilizadas quando, e se, interessarem aos seus editores, quase sempre moldadas segundo interesses pouco conhecidos.

Se por um lado uma reportagem traz informações valiosas, conseguidas após muita investigação, no momento em que são utilizadas indistintamente para matérias de opinião, que já embutem um julgamento prévio, existe, por certo, uma limitação do teor que se

“...O perigo de uma imprensa “cover” agindo irresponsavelmente...”

pode permitir à tal antecipação de julgamento.

Temos um exemplo claro e pontual desta postura da mídia; recentemente, uma conceituada revista semanal, novamente, como é do seu feitio, traçou uma linha de ataque contra determinada candidatura à Presidência da República. Como fundamento para validar sua reportagem, a revista simplesmente postou declarações pessoais de determinado cidadão, sem qualquer

apresentação de provas concretas. Como resultado os envolvidos foram indiciados, denunciados, acusados e condenados. Este poder não deveria ser dado a ninguém.

Nesse momento vê-se o perigo de uma imprensa “cover” agindo irresponsavelmente, pois não lhe é imputado qualquer responsabilidade. E não há o que se falar de falta de liberdade, o que falta é responsabilidade.

Para piorar, começaram a classificar esse “cover” de imprensa, como o 4º Poder, esquecendo-se que em um estado democrático existem freios, controles para

os próprios poderes constituídos. Mas quem controlaria este novo Poder. Segundo algumas opiniões de peso, a Sociedade terá que aceitar este poder como sendo absoluto. Plagiando Maquiavel:

“O Poder corrompe, o poder absoluto corrompe absolutamente”.











Hélio Vernier  
Sósia do Chacrinha

# Espelho, Espelho Meu...

Onde fica o limite entre a inspiração e a cópia?

por Cadu Senra

Nada se cria, tudo se copia". Assim já dizia o provérbio criado pelo ícone da TV, Abelardo Barbosa, o Chacrinha. Esse dito atesta que a imitação faz parte da natureza humana, que desde seus primórdios, vem observando o meio ambiente, tentando reproduzir tudo o que

vê e ouve. Desta forma surgiu a fala, a vida em sociedade e também a música. Claro que música na época, nada mais era do que gritos guturais, que se assemelhavam aos dos animais e, batuques tribais desconexos que representavam os diferentes fenômenos naturais. Conforme o tempo

passou, esses “barulhos” evoluíram e se tornaram uma das mais populares formas de arte que conhecemos: A música.

Desde então, a evolução musical vem diretamente atrelada à inspiração de certos músicos em outros. Nessa onda, estilos inteiros se formaram através de diferentes junções. O Blues e o Jazz foram seguidos pelo rock; O Samba de raiz deu origem à MPB e a Bossa Nova; entre outras fusões e difusões. Essas combinações são vistas com muitos bons olhos, pois todas são primordiais para o enriquecimento da música mundial. Quase todas elas tiveram suas origens a partir de um

artista inovador, servindo de modelo para outros que trilharam a mesma rota logo após. Porém, até onde vai a inspiração e a imitação? Onde começa e termina essa linha tênue que separa a inovação, do plágio?

“Há casos em que as imitações não se fazem tão claras...”

Inúmeros artistas já sofreram com a utilização indevida de suas músicas, ou parte delas, em canções de terceiros. Exemplos ilustres adornam essa lista. O Rapper decadente do final dos anos 80, Vanilla Ice, se apropriou indevidamente



do tema base da música “Under Pressure” – composta pelo grupo de rock, Queen, em conjunto com o cantor/camaleão David Bowie – em sua música “Ice, Ice Baby”. Por isso, foi parar no tribunal e teve que dar explicações sobre o assunto. Aqui pelo Brasil, nem mesmo Roberto Carlos ficou de fora. O rei foi acusado de plagiar o compositor Sebastião Braga, em uma ação de 1987. Terminou

derrotado e tendo que pagar os tributos devidos.

Esses casos são um tanto quanto taxativos, exatamente por terem sido práticas descaradas de plágio. Entretanto, há casos em que as imitações não se fazem tão claras, e por isso, não caracterizam o crime. São aquelas situações em que certas bandas soam tão parecidas, que parecem bandas cover.

Depois dos Beatles, é impossível contar quantas bandas surgiram, logo em seguida, gritando seus iê-iê-iê mundo afora. E os grupos de pagode? Após distorcerem o significado original do nome – roda de samba -, se



Vanilla Ice

reproduziram feito coelhos no final da década de 90. Recentemente, surgiu uma nova mania adolescente em verde e amarelo. É um tipo de happy rock, onde os roqueiros trocaram suas roupas escuras por coloridas, e seu olhar melancólico por um sorriso juvenil. Foi só uma banda aparecer, para milhões de outras fazerem praticamente idêntico. Isso é como se fosse uma epidemia musical mesclada com pura falta de criatividade.

Poucas são as bandas que conseguem sair desse ciclo vicioso. Muitas ficam estagnadas eternamente na mesma concepção inicial, se esquecendo que o grande



NxZero x Taking  
Back Sunday

barato da música - e do mundo - é a diversificação e inovação. Para fechar com uma visão complementar a inicial, o poeta mexicano Octávio Paz dizia que “O que coloca mundos em movimento é a interação de diferenças, suas atrações e repulsões. A vida é pluralidade, a morte é uniformidade”.



## Kings of Convenience

KoC é um duo folk-pop indie de Bergen, Noruega. Composto por Erlend Øye e Eirik Glambek Bøe, o grupo musical é conhecido por suas melodias delicadas, vozes calmas e sutis.

### Álbum destaque:

Riot On An Empty Street  
(Astralwerks - 2004)



## Blackbird

Cover / Rock

Músicas:  
Todas dos  
Beatles



## The Graduate

Rock / Indie rock

Álbum destaque:  
Anhedonia









Eliane Farah é psicóloga, Gestalt-terapeuta, Mestre em Psicologia Social e Diretora-Fundadora do Contato – Núcleo de Estudo e Aplicação da Gestalt-terapia. Neste mês a convidamos para dar seu parecer psicológico em relação ao tema da edição. O cover. Com muito carisma e bom humor - como é de seu feitio -, nossa convidada nos mostra, com maestria, o quão frágeis são nossas imitações.

Sentada à mesa, no meio de um blecaute, com uma lâmpada de emergência e uma vela e rezando para a bateria do laptop dar conta do texto, fico imaginando o quanto seria bom nesse momento ter a luz do dia e uma máquina de escrever que é imune a energia elétrica.

Dou-me conta da grande ironia que vivo nesse instante que é o de escrever sobre o tema “cover”. Vocês devem se perguntar: que associação foi essa?

Explico. Uma vez que a luz elétrica nada mais é do que uma tentativa de copiar a luz do sol para que o ser humano possa produzir mais, me percebo capturada por esse grande desejo humano de ir além dos limites que a natureza impõe e frustrada pelo que deve ser uma pequena falha elétrica.

Se sou contra a tecnologia? Não, adoro um ar condicionado nesse forno que é o verão carioca, e acho a Internet o máximo. Só não posso deixar de considerar o quanto tantas



maravilhas sucumbem a um simples curto circuito. Viva o Sol, que todos os dias tem hora marcada para aparecer e segue o seu ciclo sem se importar com o planejamento do ser humano! Tempos modernos... tempos modernos.

Um dia o homem olhou para a natureza em torno dele e pensou: “eu posso fazer igual, melhor talvez. Não preciso me prender aos limites do tempo e do espaço”, e então inventou o termo artificial e descobriu Taiwan. Hoje você acessa a Internet e pode visitar , em tempo real, boa parte do mundo. É prático, econômico e de baixo custo. Tudo certo, desde que não aconteça uma pane elétrica.

E cadê a cópia?

O que é um cover, senão uma imitação de um modelo para que as pessoas vivam a ilusão de que estão curtindo o original? De novo, prático, econômico e de baixo custo.

Mas voltando para a natureza. O que falta na flor de plástico e na viagem virtual? O cheiro original. O perfume da rosa não é apenas

um cheiro engarrafado, ele se apresenta no original, numa dosagem única do mesmo modo que as pessoas que viajam (de fato) sabem que as cidades têm perfumes peculiares e outras experiências sinestésicas impossíveis de serem reproduzidas.

A imitação é um dos símbolos dos tempos modernos, mais uma vez, prático, econômico e de baixo custo, mas ainda que faça parte de séries A, B, C ou D... Será sempre artificial, pois jamais poderá reproduzir a essência do artista e certamente não poderá superar uma falha elétrica.

*Eliane Farah*

Projetos só são  
projetos quando  
seguidos de uma  
ação.



Do contrário são  
apenas idéias.

**MAKERZ**

[www.makerz.com.br](http://www.makerz.com.br)

# AGENDA CULTURAL

## Festival SWU

Uma experiência memorável que vai combinar música e arte. Com apresentações de bandas de peso, o festival promete entrar para a história dos eventos musicais.

**Fazenda Maeda**  
9, 10 e 11 de outubro  
A partir das 16h  
Itu, SP

## Belgian Beer

O primeiro evento de cerveja e gastronomia Belga no Porto da Marina da Glória, na cidade maravilhosa.

**Marina da Glória**  
30 de outubro  
das 13h às 23h  
Av. Infante Dom Henrique, Aterro do Flamengo,  
Glória – RJ

## Show Orquestra Imperial

A banda retoma sua imperdível temporada de bailes para lembrar os velhos tempos do Ballroom e experimentar novos arranjos e repertório para um próximo disco.

**Teatro Rival  
Petrobras**  
até 29 de dezembro  
Rua Álvaro Alvim,  
Cinelândia - RJ

Evento

## Projeto Música no Museu

O projeto na sua linha de privilegiar os jovens talentos traz neste mês de outubro os vencedores das Primeira e Segunda edições do Concurso Jovens Músicos.

### Diversos Lugares

Todo o mês de outubro

Teatro

## Cats

Time for Fun traz pela primeira vez à cidade carioca uma superprodução da Broadway, que ganha letras em português feitas por Toquinho e traz no elenco a cantora Paula Lima, além de Sara Sarres e Fernando Palazzo.

### Vivo Rio

16 a 31 de outubro  
Av. Infante Dom Henrique, 85,  
Flamengo - RJ

Cinema

## Mostra John Ford

A mostra apresenta trabalhos do consagrado diretor John Ford, que em cinquenta anos de carreira arrematou quatro Oscars de melhor diretor e virou referência no cinema mundial.

### Centro Cultural Banco do Brasil

12 a 9 de novembro  
terça a domingo  
Rua Primeiro de Março, 66  
Centro - RJ



**CRASE**